

FILHOS SEM DEUS: UMA CRÍTICA AO CONFLITO COMO BASE PARA A VIDA
PARENTING WITHOUT GOD: A CRITIQUE OF CONFLICT AS THE BASIS FOR LIFE

*Luís Henrique Piovezan**

Recebido em: 29/10/2023

Aprovado em: 05/01/2024

DOI: 10.57147/espacos.v32i01.920

Resumo

O livro de Rozitchner e Ianantuoni (2008) propõe o conflito como base da vida. Esta proposta foi explicitada pela análise do discurso. Este artigo faz a análise desta proposta em comparação com dados bibliográficos, econômicos e históricos. Ao contrário do indicado pelos autores citados, a análise crítica indicou que a cooperação foi o que ajudou ao desenvolvimento da Humanidade. Assim, o artigo propõe uma Teologia da Cooperação.

Palavras-chave: Ateísmo; Conflito; Cooperação; Teologia da Cooperação

Abstract

The book by Rozitchner and Ianantuoni (2008) proposes conflict as the basis of life. This proposal was made explicit by discourse analysis. This article analyzes this proposal in comparison with bibliographic, economic, and historical data. Contrary to what was indicated by the cited authors, the critical analysis indicated that cooperation was what helped the development of Humanity. Thus, the article proposes a Theology of Cooperation.

Keywords: Atheism; Conflict; Cooperation; Theology of Cooperation

Introdução

O Ateísmo é considerado um novo estilo de vida, para Rozitchner e Ianantuoni (2008), que é contrário à visão religiosa inculcada na sociedade pela Educação. Para dar ferramentas para pais ateus, os autores elaboraram o livro “Filhos sem deus: ensinando à criança um estilo ateu de viver” sobre como novo estilo de vida pode ser realizado nas famílias compostas por ateus de forma a não serem influenciados por alegados problemas da Religião. O livro descreve experiências pessoais do filósofo, roteirista e colunista Alejandro Rozitchner e de sua esposa, a psicóloga e escritora Ximena Ianantuoni. Na época, seus filhos eram pequenos. A atuação deles é na Argentina.

* Engenheiro Civil pela Escola Politécnica da USP, Mestre em Engenharia de Produção pela EESC-USP e Teólogo pelo Centro Universitário Claretiano. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2876-2149>. E-mail: lhpiovezan@terra.com.br

O livro pretende ser um manual para pais com reflexões sobre o Ateísmo. O foco deste artigo será sobre as reflexões sobre Ateísmo e não aborda os aspectos psicológicos. O objetivo é avaliar a estrutura da Teologia apresentada no livro.

O livro estrutura-se como um diálogo entre o casal de autores (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, 15).

Como formato de trabalho, decidimos estabelecer um diálogo, por escrito, entre nós, o que significa aproximar mais o intercâmbio constante que nos une, porque, além de coautores, somos (sobretudo) marido e mulher. Foi assim que cada um escreveu um capítulo, retomando, como se faz numa conversa, os aspectos que nos entusiasmavam sobre aquilo que o outro ia questionando.

Este diálogo se dá em duas partes, cada uma com dez textos de autoria alternada entre eles. Cada um dos autores escreveu metade dos vinte textos, que pretenderam ser conectados entre si. A Primeira Parte tem um tom pessoal, apresenta a história do casal e de seu Ateísmo. Na Segunda Parte, há um aprofundamento teológico do Ateísmo, principalmente nas partes escritas por Alejandro Rozitchner. Ximena Ianantuoni, por sua vez, apresenta uma argumentação psicológica de como pais devem educar filhos. O texto se divide entre as ideias filosóficas e teológicas de Alejandro Rozitchner e as ideias psicológicas de Ximena Ianantuoni, exceto pelo tom teológico do primeiro capítulo de Ximena Ianantuoni. Embora o livro tenha uma intenção de diálogo, mostra-se muito mais como uma composição de duas abordagens em campos diferentes, mas que pouco realizam uma troca de ideias.

Para analisar o conceito de Ateísmo que os autores apresentam, utilizam-se as definições de Gray (2021). Segundo este autor, o Ateísmo, no mundo moderno, reduziu-se a um sistema fechado (GRAY, 2021, 8):

Embora os ateus possam considerar-se livres-pensadores, para muitos hoje em dia o ateísmo é um sistema de pensamento fechado. O que pode ser seu principal atrativo. Explorando formas mais antigas de ateísmo, é possível constatar que algumas das suas convicções mais firmes, sejam seculares ou religiosas, são altamente questionáveis. (...) Certas formas mais antigas de ateísmo são opressivas e claustrofóbicas, como boa parte do ateísmo de hoje. Outras podem se revelar libertadoras e revigorantes para aqueles que desejam uma nova perspectiva do mundo. Paradoxalmente, certas formas mais radicais de ateísmo no fim das contas podem não ser tão diferentes de certas variedades místicas da religião.

Neste sentido, o objetivo é avaliar o livro “Filhos sem deus: ensinando à criança um estilo ateu de viver” (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008) na sua conceituação sobre Ateísmo e sobre Religião de forma a verificar se o que os autores apresentam é um sistema fechado, em que se propõe apenas a substituição da religiosidade que criticam por algo quem tem as mesmas características. Não se faz a análise das propostas psicológicas e pedagógicas do livro.

Para isso, este artigo usa a Análise de Discurso como método para entendimento da estrutura do texto. Como será detalhado, a Análise do Discurso leva à indicação de que o Ateísmo em Rozitchner e Ianantuoni (2008) é baseado na ideia de que o conflito é fundamental para a vida. Porém, ao analisar mais detidamente esta ideia, o artigo mostra que o fundamental é a cooperação. Isto mostra que o Ateísmo defendido pelos autores é um sistema fechado, ou seja, não é um Diálogo com a Religião, mas uma oposição que apenas repete os problemas apontados.

Por fim, é feita uma proposta de uma abordagem teológica para superar o fechamento dos sistemas de crença, sejam ateístas ou religiosos.

1. Metodologia – Análise do Discurso

O uso da Análise do Discurso em um texto tem como objetivo a verificação qualitativa do tema central do texto, de forma a subsidiar o estudo da estrutura argumentativa do texto e, assim, poder verificar se estes argumentos são coerentes entre si e com a conclusão. Para isso, o texto é decomposto em componentes de argumentos reivindicatórios de forma a se criar um esquema ou um mapa de argumentos. De acordo com Van Gelder (2013, p. 85),

Qualquer argumento pode ser entendido como uma estrutura de reivindicações que estão em relações inferenciais ou probatórias entre si. Um mapa de argumentos é a apresentação de um argumento no qual a estrutura inferencial é completamente explícita, geralmente por técnicas gráficas. O mapa de argumento típico é um diagrama de “caixa e setas” no qual os nódulos correspondem a reivindicações e os links indicam suas relações probatórias.

A partir deste mapeamento, permite-se explicitar o esquema de argumentação utilizado pelo autor de forma a se poder avaliar criticamente a lógica e o relacionamento

dos raciocínios utilizados de forma a permitir uma análise da coerência lógica entre argumentos e conclusão. Como indicam Lawrence e Reed (2016, 379),

Esquemas de argumentação capturam estruturas de inferência (tipicamente presuntiva) de um conjunto de premissas até uma conclusão e representam padrões estereotipados de raciocínio humano. Como tal, os esquemas de argumentação representam um descendente histórico dos temas de Aristóteles e, assim como os temas de Aristóteles, desempenham um papel valioso tanto na construção quanto na avaliação dos argumentos.

E esta explicitação permite a análise crítica da estrutura de argumentação (TWARDY, 2004, HARRELL, 2008, WALTON, 2013). A análise crítica leva ao julgamento do texto enquanto opinativo ou estruturado cientificamente, apresentando conclusões fundamentadas e válidas. O objetivo não é limitar a um modelo, mas apresentar correlações argumentativas, como indica Harrell (2008, 365),

A construção do mapa de argumento correto foi altamente correlacionada em geral com a escolha correta das premissas, a decisão de como essas premissas estão relacionadas entre si e à conclusão, e a escolha dos fundamentos para avaliar o argumento.

Não há um modelo único para um mapa de argumentos, mas é mais importante a forma de mostrar como se encadeiam os argumentos. O objetivo é verificar a conexão entre as premissas, os argumentos e a conclusão. Harrell (2008, 364) indica:

Uma vez que um mapa de argumentos contém apenas declarações e conexões inferenciais, fica claro quais são as premissas e qual é a conclusão e como elas estão conectadas, e há pouca ambiguidade em decidir quais bases avaliar o argumento.

Como o livro de Rozitchner e Ianantuoni (2008) possui tanto um aspecto teológico como pedagógico e psicológico, não será analisado em seu todo, pelo objetivo deste artigo. Será dado foco ao discurso teológico do livro, de forma a permitir a análise de como os autores conceituam seu Ateísmo.

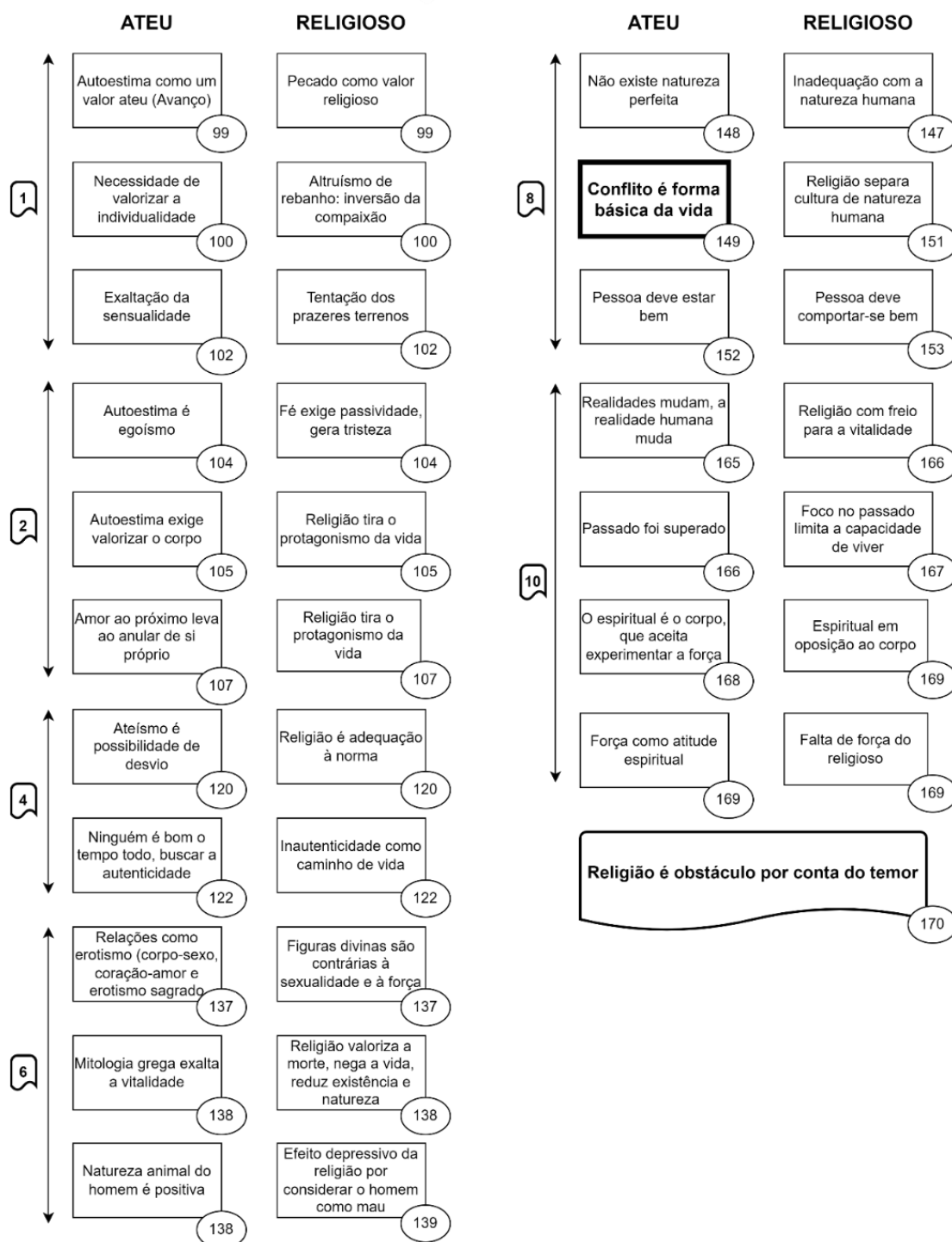
2. O Ateísmo baseado em Conflitos

A parte teológica do livro está nos capítulos 1, 2, 4, 6, 8 e 10 da Segunda Parte. Esta separação ocorre porque Alejandro Rozitchner se coloca como não especialista em Psicologia Infantil (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, 207):

Não me sinto um expert em criação, mas, ajudado por Ximena, vou captando cada vez mais seus sentidos e seu funcionamento. De minha parte, este não é um livro de alguém que vê tudo com clareza e que assim pode iluminar outros, mas é a possibilidade de compartilhar meus pontos de vista com pessoas que pensam de forma semelhante.

A escolha dos capítulos da Segunda Parte foi feita por abordar uma estrutura teológica do Ateísmo segundo os conceitos dos autores. Em uma forma esquemática, se tem o diagrama apresentado a seguir sobre os assuntos dos capítulos escolhidos desta Segunda Parte.

No diagrama a seguir, resultado da Análise do Discurso, cada retângulo indica um conceito do texto colocado pelos autores e o número em ovais indica a página da edição brasileira. As setas duplas e os números nos quadros próximos indicam os capítulos da Segunda Parte. O texto está estruturado em um esquema paralelo entre o Ateísmo e a Religião.



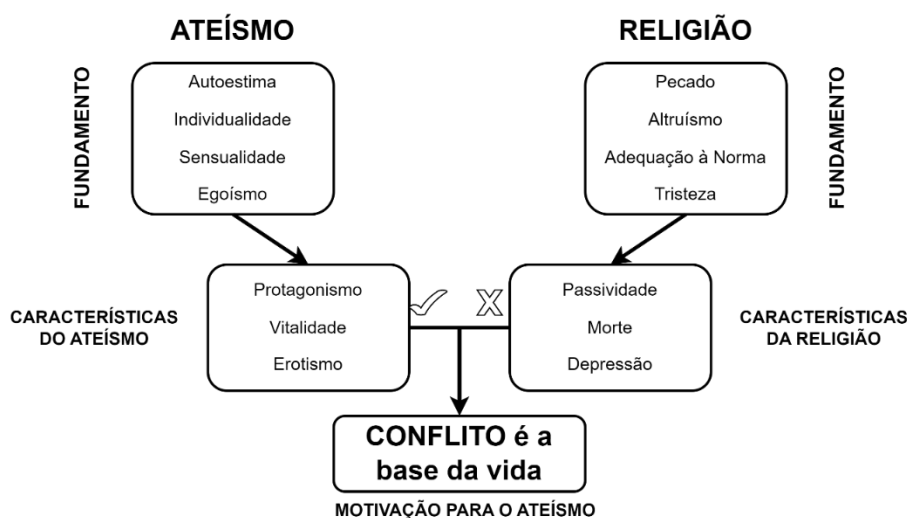
Apesar de apresentarem uma oposição entre Ateísmo e Religião, os autores indicam que não pretendem agredir ou desqualificar a Religião (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, 10). Porém, a apresentação de uma comparação já mostra a proposta de indicar um conflito. Assim, a questão que se coloca é se a comparação do

Ateísmo com a Religião é baseada em fatos ou apenas é a manifestação de uma opinião pessoal sobre a Religião.

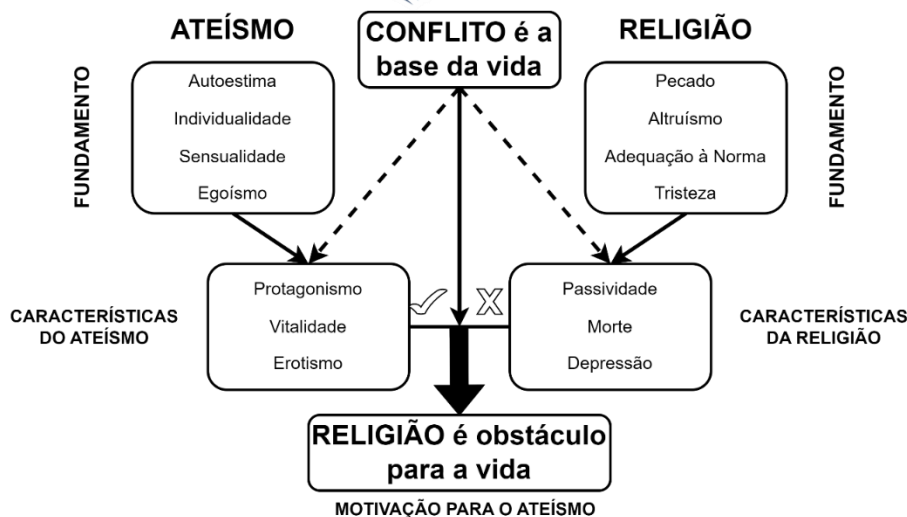
Para isso, é preciso entender o conceito teológico fundamental do livro. No capítulo 8 da Segunda Parte, os autores indicam o ponto focal do seu Ateísmo: o Conflito. Detalhando este conceito focal, que foi grifado no esquema geral já apresentado (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, 149).

Mas não se consegue fazer nada disso partindo de uma imagem negativa da realidade, sem entender que o que ocorre não acontece por maldade ou por defeito, mas, muito pelo contrário, por esta vida ser uma vida plena e múltipla. O conflito é a forma básica da vida, não um desvio pernicioso. O bem e o mal estão misturados, são pontos cardeais que, em conjunto, permitem uma orientação.

Considerando esse ponto teológico focal do livro, a estrutura do livro apresentada no esquema anterior pode ser simplificada. Pode-se resumir a estrutura do discurso do livro ao seguinte quadro:



Os autores apresentam sua tese principal ao final do livro. A Análise do Discurso permite indicar que os autores baseiam sua argumentação na ideia da importância do conflito na estruturação da vida dos seres humanos. Assim, pode-se reordenar o quadro da seguinte forma, indicando o fundamento das ideias no início:



Com este quadro resumo, indica-se que, a partir do princípio de que a vida se baseia em conflitos, fundamento das suas ideias, os autores comparam a Religião com o Ateísmo. O Ateísmo é apresentado como fundamentado na autoestima, na individualidade, na sensualidade e no egoísmo. Estes fundamentos do Ateísmo levam ao protagonismo, a vitalidade e ao erotismo. A Religião, por sua vez, segundo os autores, baseia-se na noção de pecado, no altruísmo, na adequação à norma e à tristeza. Isto torna a Religião algo que leva à passividade, à morte e à depressão. A conclusão em que os autores chegam é que a Religião é um obstáculo para a vida.

Para indicar que o conflito é a base da vida, os autores defendem que o conflito é algo da Natureza e, por isso, influi na vida dos humanos (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, p. 191):

Na natureza, há e sempre houve atos de violência, os animais mais fortes se alimentam dos mais fracos e, no mundo humano, isso se manifesta nas guerras e de muitas outras formas. Lamentamos esses fatos, mas são coisas legítimas e naturais e de realidades que fazem parte inevitável da experiência humana.

A partir dessa dedução sobre a necessidade e da naturalidade da violência, que, segundo os autores, a Religião tenta atacar, o conflito deve ser o fundamento para a criação dos filhos (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, p. 155):

No capítulo anterior, você diz algo que é necessário aceitar para poder viver neste mundo de uma maneira plena: “O conflito e a forma básica da vida, não um desvio pernicioso”. É fundamental tê-lo presente no período de criação. Criar filhos é, principalmente, enfrentar conflitos, superá-los com os melhores recursos possíveis, encarar as dificuldades que o crescimento das crianças traz em função das

necessidades novas que vão surgindo sem parar. A criação é um processo de transformação e de mudança permanentes, e não só não haveria como ser uma experiência sem conflitos, como, também, se trataria, talvez mais, do encontro com eles.

A partir da noção de conflito como base da natureza humana, o livro se coloca contra a Racionalidade. A Racionalidade é considerada uma adequação à norma e, portanto, acaba sendo associada à Religião, ao contrário do que neoateus indicam, por exemplo, em Dawkins (2007), que coloca a Ciência e a racionalidade contra a Religião. Assim, a vida deve ser tratada sem limites (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, 149):

Hoje sabemos olhar mais de frente a realidade, sabemos que a racionalidade é uma ajuda para muitas coisas, porém não pode ser jamais instituída como a ordem básica da existência. A vida não é totalmente racional, não pode sê-lo; a vida é transbordamento e organicidade, conflito, luta, busca, invenção, e não moderação, cálculo, boas intenções e limites.

Para os autores, a valorização da individualidade deve levar necessariamente ao não racional e ao conflito. Os autores indicam que sua fonte é Nietzsche (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, p. 14):

Sim, há muito de Nietzsche nessas ideias. Acreditamos em Nietzsche? De forma alguma. Não é fé. É um interlocutor valioso para nós. Quem acredita em deus vê crença em todas as partes, porque sua estrutura de sentido é a fé. Quem não acredita em deus encontra e elabora o sentido em outras modalidades de pensamento e sensibilidade.

Por fim, observam-se alguns pontos no livro que vão contra a ideia de que o conflito é a base da natureza humana e que indicam uma falta de coesão das ideias apresentadas. Isso, porém, não anula a estrutura argumentativa apresentada no artigo. Por exemplo, ao apresentar o livro, os autores não querem se colocar como pessoas em conflito com a Religião (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, 10-12).

Não se trata de agredir ou desqualificar aqueles que baseiam sua visão do mundo na existência de deus (embora tampouco se possa negar que os crentes e os não crentes exercitem o combate argumentativo), mas de abrir um espaço de legitimidade e elaboração para aqueles que, como nós, vivem numa zona social pouco compreendida, o ateísmo, ou, inclusive, de pensar e abordar problemas que costumam ser negligenciados. (...) Somos ateus. Não somos inimigos da religião,

mas acreditamos que a melhor opção de vida é encarregar-se de si próprio e vemos que as religiões não fomentam essa atitude nem essa consciência.

Este posicionamento no início do livro e a ideia de que os conflitos devam ser superados (ver citação em ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, p. 155) levam ao questionamento se o conceito básico do livro é fundamentado ou se isto é apenas uma ideia superficial não aprofundada em todas as suas consequências.

3. Conflito ou cooperação: o que constrói a sociedade?

Pela análise do item anterior, a ideia central de ROZITCHNER e IANANTUONI (2008, p. 14) é que o Ser Humano tem o conflito como base da vida. Os autores alegam que isso surge da filosofia de Nietzsche. Mas a questão que surge é se Nietzsche indicava o conflito como base da vida. Isso será aprofundado nesse item.

3.1. O pensamento de Nietzsche exige o conflito?

O pensamento de Nietzsche é uma das estruturas filosóficas mais complexas e ainda é pouco compreendida. O próprio filósofo indicou que suas ideias seriam compreendidas apenas 200 anos após sua morte. Sua forma de escrever, longe da linearidade, permite uma série de interpretações e longos debates, que nem sempre refletem suas ideias fundamentais. Por isso, muitas vezes, as interpretações equivocadas surgem, como indica MARTON (2018),

Impõe-se, antes de mais nada, ler sem pressa, pôr-se à escuta do texto, procurar manter-se fiel a ele. Cabe, também, proceder de modo a evitar que opiniões, achismos, preferências inclusive, venham a se interpor entre o texto e o leitor. É preciso, por fim, empenhar-se em não aprisionar o texto numa camisa de força, que acabe por convertê-lo na apresentação de verdades últimas e definitivas e reduzi-lo a uma exposição doutrinária. Em suma, frente aos seus textos, trata-se, por um lado, de evitar a precipitação e, por outro, de cultivar a precaução e a sutileza.

Ao afirmarem que o conflito é a forma básica da vida, Rozitchner e Ianantuoni (2008, p. 149) indicam uma doutrina de vida. Porém, ao se declararem influenciados pelo pensamento nietzscheano, deveriam indicar onde isto foi indicado por Nietzsche.

Se o livro pretende ser um “ateísmo nietzscheano”, deveria desenvolver mais esse argumento, indicando como a influência foi entendida e acolhida.

Porém, não parece haver evidências de que Nietzsche foi um filósofo que indicava o conflito entre pessoas como filosofia de vida, mas o equilíbrio de forças entre entes igualmente fortes. Nietzsche considerava como fraqueza a atitude dos intelectuais que se escondiam em dogmas ao invés de serem críticos. Conforme Siemens (2013), Nietzsche não trata o conflito como a busca da derrota do outro por um valor melhor:

A resposta de Nietzsche exclui relações de dominação, subjugação, incorporação ou destruição: ela pressupõe uma espécie de equilíbrio entre uma multiplicidade de forças mais ou menos equânimes, impulsos ou complexos de poder, todos inclinados a expandir o seu poder. (...) A alternativa afirmativa e engrandecedora da vida, que Nietzsche opõe ao ideal socrático de paz ou acordo consigo mesmo, alcançado por meio da redução da tensão, consiste, assim, em um ideal de equilíbrio entre forças antagônicas mais ou menos equânimes que permita a maximização da tensão interna, o antagonismo veemente entre nossos sentimentos e seus opostos.

Nietzsche critica a forma de pensar passiva de sua época, onde o dogmatismo provocado por regras institucionalizadas de argumentação dominava o pensamento filosófico alemão. Nietzsche não faz uma simples crítica às religiões, embora inclua a religião institucionalizada nas suas críticas. O que ele critica é uma forma de pensar dogmática, institucionalizada, que usa uma estrutura que imita a estrutura dogmática religiosa. E este dogmatismo institucionalizado corrompe toda a Filosofia. Neste sentido, Nietzsche (AC 10, 16) indica:

Entre os alemães entende-se imediatamente quando eu digo que a filosofia está corrompida pelo sangue de teólogo. O pastor protestante é o avô da filosofia alemã, o próprio protestantismo e seu peccatum originale [pecado original]. Definição do protestantismo: a paralisia parcial do cristianismo – e da razão... Basta apenas pronunciar a palavra “Seminário de Tübingen” para compreender o que no fundo é a filosofia alemã – uma teologia embusteira... (...) A razão, o direito da razão não vai longe o suficiente... Da realidade fizera-se uma “aparência”; fizera-se de um mundo completamente fictício o do ente, a realidade... O sucesso de Kant e meramente um sucesso de teólogo: Kant foi, como Lutero, como Leibniz, um freio a mais na retidão alemã em si não palpável.

O que seria este “sangue do teólogo”? O sangue do teólogo não é a ausência da Razão. Há uma razão, mas uma razão que se paralisa diante do desconhecido, que não

vai longe demais, que segue as regras sem criticar profundamente. Para Nietzsche, a Teologia é o pensamento dogmático, que a Religião mantém, e que se alastra pela Filosofia. Falta o que ele chamou de “espírito” (NIETZSCHE, AC 52, 68)

O cristianismo também se opõe a tudo o que é bem-sucedido em termos de espírito – ele somente consegue utilizar a razão enferma como razão cristã, ele toma o partido de tudo o que é idiota, ele formula a maldição contra o “espírito”, contra a superbia [soberba] do espírito sadio. Uma vez que a enfermidade pertence à essência do cristianismo, também o estado cristão típico, “a crença”, tem de ser uma forma de enfermidade, todos os caminhos científicos, direitos, probos para o conhecimento têm de ser recusados pela Igreja como caminhos proibidos. A dúvida já é um pecado...

A dúvida, apresenta Nietzsche, é considerada um “Pecado” em uma Filosofia alemã doente, em um mundo intelectual em que não se pode contrariar Kant, Lutero ou Leibniz. Esse “Pecado” não é apenas religioso, mas se alastra por toda estrutura filosófica e científica. Essa colocação se assemelha ao conceito de Paradigma, que Tomas Kuhn desenvolveu um pouco mais tarde (KUHN, 2018, 119):

Os cientistas trabalham a partir de modelos adquiridos por meio da educação ou da literatura a que são expostos subsequentemente, muitas vezes sem conhecer ou precisar conhecer quais as características que proporcionaram o status de paradigma comunitário a esses modelos. (...) O fato de os cientistas usualmente não perguntarem ou debaterem a respeito do que faz com que um problema ou uma solução particular sejam considerados legítimos nos leva a supor que, pelo menos intuitivamente, eles conhecem a resposta. Mas esse fato pode indicar tão somente que nem a questão nem a resposta são consideradas relevantes para suas pesquisas. Os paradigmas podem ser anteriores, mais cogentes e mais completos que qualquer conjunto de regras para a pesquisa que deles possa ser claramente abstraído.

Os Paradigmas Científicos não precisam de regras escritas. Não há nenhum manual que proíba que se faça uma Revolução Científica. Mas a própria educação já direciona para o conjunto de soluções e esquemas de pensamento prontos dentro de um contexto paradigmático. Para superar esse contexto, é preciso questionar as instituições, questionar as regras estabelecidas.

Nietzsche, porém, não pede um conflito violento com quem pensa diferente. Sua ideia não é apontar um lado certo e um lado errado. Pelo contrário, não há dualismos em Nietzsche. Para superar o dogmatismo da Teologia, segundo Nietzsche, é preciso usar a interpretação da Filologia. Cada situação e cada fato devem ser interpretados e não julgados. Em suas palavras (NIETZSCHE, 2020, AC 52, p. 68),

Uma outra marca distintiva do teólogo e sua incapacidade para a filologia. Por filologia deve ser aqui entendida, em sentido muito geral, a arte de ler bem – conseguir ler fatos sem falseá-los através de interpretações, sem perder a cautela, a paciência, a fineza na ânsia por entender. Filologia como ephexis na interpretação: trate-se de livros, notícias de jornal, destino ou fatos meteorológicos – para não mencionar a “salvação da alma”...

O conflito que Nietzsche indica não é o conflito entre pessoas conforme Rozitchner e Ianantuoni (2008, p. 149) indicam. Não é ensinar que o Egoísmo é algo bom. O conflito deve ser o conflito entre as ideias. Não devem ser aceitas (e muito menos cultuadas) as ideias concebidas anteriormente, consideradas corretas a priori, o que KUHN (2018) chama de Paradigma. Isso transforma, segundo Nietzsche, o filósofo, o religioso e o cientista em “criminosos”. Em detalhes (NIETZSCHE, 2020, Art 2, 89),

Toda a participação em um culto é um atentado à moralidade pública. Deve-se ser mais duro contra protestantes do que contra católicos, mais duro contra protestantes liberais do que contra ortodoxos. O elemento criminoso no ser-cristão aumenta conforme se aproxima da ciência. O criminoso dos criminosos é, por conseguinte, o filósofo.

O dogmatismo não ocorre apenas na Religião. Ele percorre todas as áreas do conhecimento. O dogmatismo não surge por motivo da Fé, mas de um Paradigma, de uma estrutura de pensamento não criticada. Dizer que, por exemplo, “Quem acredita em deus vê crença em todas as partes” (ROZITCHNER e IANANTUONI, 2008, 14), é negar a capacidade de raciocínio de quem acredita, o que não tem provas científicas (PIOVEZAN, 2022). Nietzsche, neste sentido, não indicaria um lado certo e outro errado. Isto mostra que, ao contrário do que colocam, o conflito entre pessoas não é o pensamento de Nietzsche.

Mas ainda se pode pensar que o conflito é a forma básica da vida. No próximo item, vai-se analisar se o conflito leva à vitalidade, ou seja, se o conflito resulta em vida.

4. História da Humanidade: Cooperação ou Conflito?

Em pouco mais de dez mil anos, a Humanidade saiu de uma estrutura de caçadores e coletores para uma estrutura social complexa e organizada. A questão que se coloca é se esta mudança foi resultado do conflito.

Pode-se argumentar que conflitos históricos levaram a grandes conquistas. Por exemplo, em 1969, como resultado da chamada Corrida Espacial entre os capitalistas dos EUA e os comunistas da URSS, os EUA completam o grande feito de enviar homens à Lua e eles retornarem em segurança. Pode-se, de alguma forma, indicar que, se não houvesse o conflito entre americanos e soviéticos, tal conquista não surgiria. O conflito, conclui este argumento, seria a fonte deste sucesso.

O contexto em que Kennedy proferiu o famoso discurso de 12/09/1962 era de conflito com a URSS. Mas o motivo do discurso não foi apenas o conflito. Ele indicava a complexidade e o desafio da empreitada. Como descreve McMAHON (2022),

Em um discurso agora famoso proferido na Universidade Rice em 12 de setembro de 1962, o presidente John F. Kennedy declarou “escolhemos ir à Lua nesta década” e que os Estados Unidos assumiram tais desafios “não porque são fáceis, mas porque são difíceis”. Isso ecoou seu apelo anterior durante um discurso especial perante o Congresso em maio de 1961, onde ele propôs um voo à lua americano, iniciando a corrida espacial com a União Soviética no auge da Guerra Fria.

O interessante é que a Guerra Fria não limitou a cooperação entre os EUA e a URSS. Não era uma Corrida Espacial baseada apenas na competição e no conflito, mas havia cooperação entre as superpotências. Como indica SHREVE (2003),

Talvez ainda mais impressionantes tenham sido os esforços de cooperação entre as superpotências e o desenvolvimento de inúmeros comitês, agências, resoluções e tratados garantindo a separação do espaço e da exploração espacial dos conflitos terrestres.

A cooperação era tão ou mais importante que a competição na época da Corrida Espacial. Como indica LAUNIUS (2009),

Em muitos aspectos, a história da cooperação e colaboração dos Estados Unidos (EUA) em atividades espaciais espelha a história mais ampla de como os Estados Unidos e seus aliados se inter-relacionaram desde o término da Segunda Guerra Mundial. Se a caracterizarmos com precisão ao longo dos últimos mais de cinquenta anos, a conclusão inegável é que todas as partes desfrutaram de uma relação desconfortável em que reconheceram que era melhor cooperar do que competir e na qual disputaram constantemente, mesmo cooperando, uma posição superior em relação às outras nações em parceria.

LAUNIUS (2005), inclusive, indica que o impulso do Projeto Apollo despertou uma estrutura de cooperação interna, que normalmente não ocorria nos EUA, em função da alta complexidade e ineditismo da tarefa.

Representou um momento e um lugar em que os líderes estabeleciam metas moderadamente difíceis, mas potencialmente alcançáveis, que eram então traduzidas em tarefas individuais realizáveis com riscos deliberados, mas gerenciáveis. Em essência, Projeto Apollo simbolizou um grau moderado de risco que pessoas altamente qualificadas e atenciosas superavam por meio de seus esforços e habilidades diligentes. A equipe Apollo, característica de pessoas motivadas por conquistas (...) estava mais preocupada com a realização do que com as recompensas comuns da riqueza e da fama.

A ideia de cooperação como processo que gera desenvolvimento não é apenas do Projeto Apollo. A importância da cooperação foi percebida por economistas clássicos como Adam Smith. Os três primeiros capítulos do Livro Um de A Riqueza das Nações (SMITH, 2018, p.14-28) trazem o princípio da Divisão do Trabalho, que Adam Smith percebeu em sua análise de uma visita a uma fábrica de alfinetes. Adam Smith (SMITH, 2018, p.15) conclui que:

Em quase todas as artes e produções, os efeitos da divisão do trabalho são semelhantes aos mostrados nesse pequeno exemplo (...). A divisão de trabalho, porém, até onde pode ser introduzida, causa, em cada uma das artes, um aumento proporcional da capacidade produtiva do trabalho. A separação de diferentes comércios e empregos parece acontecer em consequência dessa vantagem. Essa separação também é geralmente empregada com maior seriedade nos países que contam com um grau mais elevado de processos industriais e desenvolvimento; aquele que é o trabalho de um homem em um estado rudimentar da sociedade é o mesmo de vários operários em uma sociedade mais desenvolvida.

Adam Smith, portanto, coloca a Divisão do Trabalho, que pode ser considerada uma forma de cooperação, como um princípio multiplicador para a produção de riquezas. Ele entende que é algo tipicamente humano (SMITH, 2018, p.21):

Não importa se essa propensão é um desses princípios originais da natureza humana que nem temos como explicar de fato, ou se é, como parece mais provável, a consequência necessária das faculdades da razão e da linguagem que não faz parte de nosso atual tema a ser investigado. É algo comum a todas as pessoas, e que não será encontrado em nenhuma outra raça de animais, que parecem não conhecer esta nem nenhuma outra espécie de contrato.

A cooperação caracteriza e diferencia a espécie humana. E isto vai além de uma simples revolução moderna, sendo parte de toda a História. Segundo HARARI (2018) o ser humano tem a capacidade de compartilhar conhecimento e imaginação. A capacidade de imaginar, de combinar pensamentos permite que se atinjam repostas complexas aos problemas. Como indica HARARI (2018, p.33),

A ficção nos permitiu não só imaginar coisas como também fazer isso coletivamente. Podemos tecer mitos partilhados, tais como a história bíblica da criação, os mitos do Tempo do Sonho dos aborígenes australianos e os mitos nacionalistas dos Estados modernos. Tais mitos dão aos sapiens a capacidade sem precedentes de cooperar de modo versátil em grande número. (...) Os sapiens podem cooperar de maneiras extremamente flexíveis com um número incontável de estranhos. É por isso que os sapiens governam o mundo, ao passo que as formigas comem nossos restos e os chimpanzés estão trancados em zoológicos e laboratórios de pesquisa.

A análise da História mostra que a tese do conflito de ROZITCHNER e IANANTUONI (2008) não se confirma, pois não é o conflito que gera a vida para a humanidade, mas a cooperação. E, como será detalhado a seguir, a cooperação gera resultados econômicos.

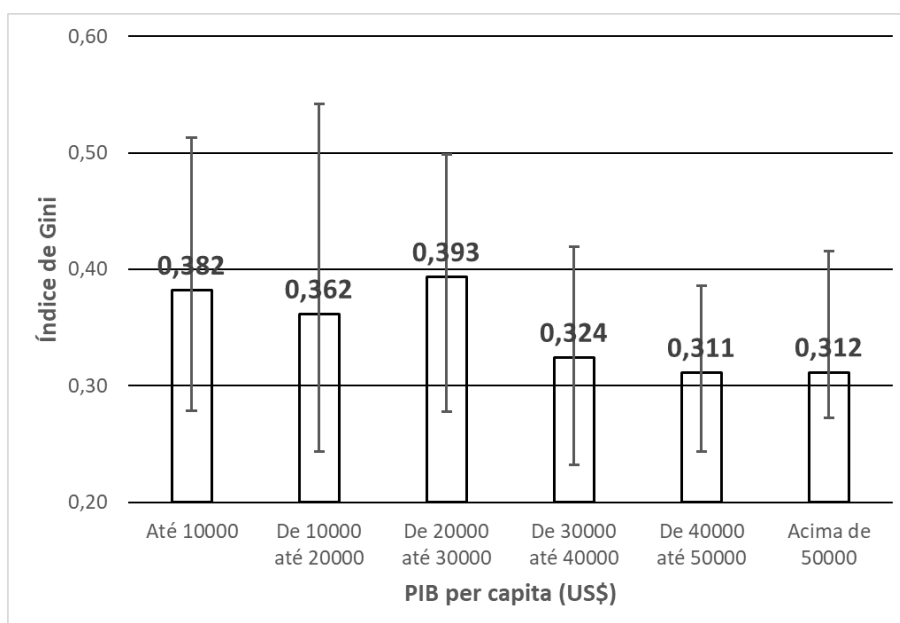
5. Economia: cooperação ou conflito?

Adam Smith indicou a cooperação como um dos pilares do desenvolvimento econômico. Esta cooperação foi traduzida como a Divisão do Trabalho (SMITH, 2018). Surge a questão se a Divisão do Trabalho realmente gera resultados macroeconômicos. Normalmente, o resultado macroeconômico pode ser estimado pelo PIB per capita. Por outro lado, a cooperação pode ser medida pelo Índice de Gini de um país.

Numa forma exploratória, pode-se verificar se os países mais desenvolvidos (com maior PIB per capita) são os países com melhor distribuição de riquezas (com menores Índice de Gini). Não se espera uma correlação perfeita entre PIB per capita e Índice de Gini, mas uma diferença que possa ser estatisticamente percebida. Não se trata de um estudo de Economia, mas apenas uma exploração dos dados econômicos para entendimento da cooperação como vantagem para a Humanidade. Para isso, foram levantados dados no site Our World in Data (OUR WORLD IN DATA, 2023a e

2023b). Foram selecionados 93 países que tinham dados de Índice Gini entre 2019 e 2023. Os dados de PIB per capita são de 2021 com valores de dólares corrigidos para 2017.

Os países foram classificados de acordo com o seu PIB per capita e, para cada classe, foi tirada a média dos valores do Índice Gini, como indicado no gráfico. A linha de variação indica o valor máximo e o valor mínimo do Índice de Gini para a respectiva classe de PIB per capita. Pode-se verificar que há uma mudança clara na altura do valor de US\$30000, onde o Índice Gini cai de cerca de 0,37 para cerca de 0,32. Esta diferença será avaliada estatisticamente.



Com isso, pode-se fazer um teste de hipótese comparando os Índices de Gini dos países com PIB per capita menor que US\$30000 com aqueles que ultrapassam este valor. Com auxílio das ferramentas estatísticas de Análise de Variância do MSEXcel, chegou-se à seguinte tabela:

Item	Até US\$30000	Acima de US\$30000
Média	0,376359	0,315954
Variância	0,005058	0,001926
Observações	62	31
Hipótese da diferença de média	0	
Graus de Liberdade	87	
Estatística t	5,038715	
t _{crítico} Bicaudal	1,987608	

Como o valor da Estatística t (5,038715) é maior que o valor de $t_{\text{crítico}}$, pode-se refutar a hipótese de igualdade entre as médias de PIB per capita. Pode-se concluir, a partir destes dados, que países com melhor distribuição de renda são países que têm maiores índices de desenvolvimento econômico, representado pelo PIB per capita. Em outras palavras, a maior confiança entre as pessoas, o que gera menos necessidade de acumulação individual, leva a maiores índices de desenvolvimento econômico.

Este estudo não tem a pretensão de ser um estudo econômico completo. Há todo um campo de estudo econômico sobre a relação entre confiança e desenvolvimento econômico. Como indica ROTH (2022, p.183),

A constatação de que a confiança interpessoal tem um efeito positivo sobre o crescimento econômico amadureceu em uma certeza na comunidade científica internacional nos últimos anos. (...) Deve-se notar que a pesquisa sobre a relação entre confiança e crescimento econômico permanece relevante, uma vez que o processo de produção baseado na economia de mercado embutido nas estruturas democráticas depende de um nível básico de confiança social.

A partir da apresentação destes dados, pode-se inferir que a Economia é algo que se desenvolve pela confiança e pela cooperação. Isto não significa anular o questionamento, mas é um indicativo sobre a cooperação ser mais valiosa do que a competição para a Economia e para a vida. Pode-se descartar a ideia de que o conflito é algo básico para a vida conforme indicam ROZITCHNER e IANANTUONI (2008).

6. A Sociedade da Cooperação

Ao verificar que o conflito não é a forma básica da vida, mas que, ao contrário, a Cooperação é forma básica da vida, pode-se fazer uma análise comparativa do discurso apresentado por Rozitchner e Ianantuoni (2008). A constatação não nega a existência da violência nem o progresso que ela pode trazer. Apenas indica que a Cooperação é mais básica para a vida em sociedade e para o progresso que o conflito.

Embora a Individualidade não deva ser apagada sob pena de nos tornarmos uma sociedade totalitária (conferir ARENDT, 2012), o Altruísmo e a Adequação à Norma devem ser considerados, pois são fundamentos da Cooperação. Não há uma escolha entre a individualidade e o altruísmo. Ambos têm valor igual.

Não havendo a importância do conflito conforme indicado, o que pode explicar o Ateísmo que Rozitchner e Ianantuoni (2008) defendem? Pode-se comparar com a visão de que a sociedade moderna se caracteriza pelo individualismo. Como indica ARENDT (2018, p. 314),

Uma das mais persistentes tendências da filosofia moderna desde Descartes, e talvez a mais original contribuição moderna à filosofia, foi uma preocupação exclusiva com o si-mesmo, enquanto distinto da alma, da pessoa ou do homem em geral, uma tentativa de reduzir todas as experiências, tanto com o mundo como com outros seres humanos, a experiências entre o homem e ele mesmo.

O Ateísmo de Rozitchner e Ianantuoni (2008) é reflexo do individualismo da sociedade na esfera teológica e pedagógica. Como foi indicado, a individualidade não deve ser suprimida na vida social, mas não pode ser algo tão supremo que acabe com a possibilidade de convivência social. Há necessidade de regras. As regras são, para os autores, cansativas, fastidiosas, enfadonhas. Como indicam Rozitchner e Ianantuoni (2008, 147),

Causou-me impacto a frase com a qual você fecha o capítulo anterior: “A posição existencial dessas religiões é, basicamente, de inadequação com a natureza humana”. É verdade, já dissemos isso: essa posição existencial não é considerada boa para a natureza humana, ou seja, para a natureza, da qual fazemos parte como qualquer outro animal, e se gera uma forma de vida incapaz de estar à altura de si mesma. A vida religiosa, antinatural, e uma vida fastidiosa, e, por melhores que sejam as intenções para descrevê-la como algo positivo, sabemos que na realidade ela produz outro tipo de efeitos.

Os autores apresentam o individualismo contra um convívio social de cooperação e a Religião é mais uma das instituições que impõem o convívio social. Como os neoateus, o seu Ateísmo se baseia na destruição da Religião. Segundo indica Gray (2021, p.15),

Os novos ateus voltaram sua campanha contra um segmento restrito da religião, mas se mostraram incapazes de entender até mesmo essa pequena parte. Encarando a religião como um sistema de crenças, passaram a atacá-la como se não passasse de uma teoria científica obsoleta. Donde o “debate sobre Deus” – tediosa repetição de uma querela vitoriana entre ciência e religião. Mas a ideia de que a religião consiste em um amontoado de teorias desacreditadas é em si mesma uma teoria desacreditada: uma relíquia da filosofia novecentista do positivismo.

Rozitchner e Ianantuoni (2008) partem de uma visão simplificada da Religião e a caracterizam como algo passivo, fúnebre e depressivo, sem considerarem a realidade além da própria experiência pessoal. Conceitos como pecado e altruísmo são colocados como fundamento para uma rigidez da ideia religiosa. Experiências pessoais são consideradas verdades absolutas. A consequência desse fundamento ideológico sem o questionamento da forma de existência social é a necessidade de justificar o Ateísmo a partir de um conflito.

Aristóteles já indicava que justificar algo pelo conflito leva a perdas. Citando suas considerações sobre a Ética (ARISTÓTELES, 2001, IX, 6, 12, p.195),

E cada uma dessas pessoas, desejando vantagens para si mesma, critica o próximo e se interpõe em seu caminho; de fato, se as pessoas não forem vigilantes, o patrimônio comum não tardará a ser completamente dissipado. Resulta daí que essas pessoas estão constantemente em estado de luta, tentando coagir umas às outras sem que, porém, ninguém se disponha a fazer o que é justo.

Teologia da Cooperação: uma proposta

Um sistema de crença fechado como indica GRAY (2008) é um sistema de crença que não parte do diálogo, mas da oposição a outros sistemas de crença, sempre favorável ao sistema de crença que se quer defender. O Ateísmo de Rozitchner e Ianantuoni (2008) é um sistema fechado. Os autores partem de uma comparação conflituosa com a Religião, sempre colocada como negativa, e fazem o julgamento partindo da visão de conflito como algo progressista para a Humanidade.

Porém, ao focar no conflito e não na cooperação, o discurso de Rozitchner e Ianantuoni (2008) propõe uma nova ideologia, ou seja, um conjunto de ideias que não são elaboradas de uma forma metodológica e científica, embora pareçam científicas. A ideologia não permite a contestação dos paradigmas. Esta ideologização não ajuda o desenvolvimento pessoal, pois evita que se possa pensar diferentemente do Ateísmo, criando dogmas ateus semelhantes aos dogmas das religiões, como combate Nietzsche (2020). Como escreveu Illich (2018, 72),

O futuro depende mais da nossa escolha de instituições que incentivem uma vida de ação do que do nosso desenvolvimento de novas ideologias e tecnologias. Precisamos de um conjunto de critérios que nos permitirá reconhecer aquelas instituições que favorecem o crescimento pessoal em vez de simples acréscimos. Precisamos também ter a vontade de investir nossos recursos tecnológicos de preferência nessas instituições promotoras do crescimento pessoal.

Para Illich (2018), o processo de superação de paradigmas institucionais ocorre pela superação de ideologias e não apenas pela troca de uma ideologia por outra, pela troca de uma visão ideológica fechada na estrutura da Religião por uma visão ideológica fechada na estrutura do Ateísmo. Ao invés de simples troca de dogmas e de ideologias, o futuro exige Diálogo. Ideologias, como indica Arendt (2012, 626), são um bloqueio da capacidade de pensar, porque:

As ideologias pressupõem sempre que uma ideia é suficiente para explicar tudo no desenvolvimento da premissa, e que nenhuma experiência ensina coisa alguma porque tudo está compreendido nesse coerente processo de dedução lógica. O perigo de trocar a necessária insegurança do pensamento filosófico pela explicação total da ideologia e por sua Weltanschauung não é tanto o risco de ser iludido por alguma suposição geralmente vulgar e sempre destituída de crítica quanto o de trocar à liberdade inerente da capacidade humana de pensar pela camisa de força da lógica, que pode subjugar o homem quase tão violentamente quanto uma força externa.

A Cooperação, por sua vez, começa e vai além do Diálogo. Começa pela percepção das diferenças individuais e pela percepção de que o outro deve ter uma vida com dignidade. Pode-se colocar a encíclica *Fratelli Tutti* (FT 127) como um marco na busca de uma Teologia da Cooperação.

Trata-se, sem dúvida, doutra lógica. Se não se fizer esforço para entrar nesta lógica, as minhas palavras parecerão um devaneio. Mas, se se aceita o grande princípio dos direitos que brotam do simples fato de possuir a inalienável dignidade humana, é possível aceitar o desafio de sonhar e pensar numa humanidade diferente. (...) Com efeito, a paz real e duradoura é possível só “a partir de uma ética global de solidariedade e cooperação ao serviço de um futuro modelado pela interdependência e a corresponsabilidade na família humana inteira”.

E esta forma de Cooperação, que deve ser preparada para superar as ideologias, se consegue quando há abertura para o Diálogo. Como coloca Francisco (FT 198),

Aproximar-se, expressar-se, ouvir-se, olhar-se, conhecer-se, esforçar-se por entender-se, procurar pontos de contacto: tudo isto se resume no verbo “dialogar”.

Para nos encontrar e ajudar mutuamente, precisamos de dialogar. (...) O diálogo perseverante e corajoso não faz notícia como as desavenças e os conflitos; e contudo, de forma discreta mas muito mais do que possamos notar, ajuda o mundo a viver melhor.

É importante ressaltar que Diálogo não é conversa, apesar de terem a semelhança em sua forma material de realização. Conversar é colocar as ideias uma ao lado da outra e simplesmente mostrar a diferença entre elas. Diálogo vai além. Dialogar é criar um entendimento pelas duas lógicas diferentes. O prefixo “dia”, que implica em ir além, significa que se consegue um entendimento, que vai além da simples contraposição de ideias. O Diálogo cria novidades.

Neste sentido, a Teologia da Cooperação deve ser explicitada. Não como mais uma disciplina teológica, mas como um conceito que deve ser básico e explicitado quando se escreve sobre Deus ou sobre a Religião. O Diálogo deve ser o mote de qualquer texto teológico. O texto de Rozitchner e Ianantuoni (2008) não realiza esse tipo de Diálogo. Assim, não supera o fechamento religioso apontado e apenas faz uma substituição, propondo um novo fechamento, conforme o conceito de Gray (2021).

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, H. *As Origens do Totalitarismo*. 1ª ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2012.
- ARENDDT, H. *A Condição Humana*. 13ª ed. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2018.
- ARISTÓTELES. *Ética a Nicômano*. São Paulo, Martin Claret, 2001.
- PAPA FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo, Paulinas, 2020.
- GRAY, J. *Sete tipos de ateísmo*. 1ª ed. Rio de Janeiro, Record, 2021.
- HARARI, Y.N. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. 18 ed. Porto Alegre, LP&M, 2018.
- HARRELL, M. *No computer program required: even pencil-and-paper argument mapping improves critical-thinking skills*. *Teaching Philosophy*, v.31, n.4, p.351-374, 2008.
- ILLICH, I. *Sociedade sem escolas*. 9 ed. Petrópolis, Vozes, 2018.
- LAUNIUS, R.D. *Perceptions of Apollo: myth, nostalgia, memory or all of the above?* *Space Policy*, v.21, p.129–139, 2005.
- LAUNIUS, R.D. *United States space cooperation and competition: historical reflections*. *Astropolitics*, v.7, p.89–100, 2009. DOI: 10.1080/14777620903073853
- LAWRENCE, J.; REED, C. *Argument mining using argumentation scheme structures*. In: BARONI, P.; GORDON, T.F.; SCHEFFLER, T. (Ed). *Computational models of argument: proceedings from the sixth international conference on computational models of argument (COMMA)*. Amsterdam, IOS Press, p. 379-390, 2016. DOI: 10.3233/978-1-61499-686-6-379.
- MARTON, S. *Ler Nietzsche como “nietzschiano”: questões de método*. *Discurso*, v.48, n.2, p.7-24, 2018. DOI: 10.11606/issn.2318-8863.discurso.2018.150835
- MCMAHON, A.M. *To the Moon and back: reexamining presidential decision-making and the Apollo Program*. *Space Policy*, v.62, p.101516, 2022. DOI: 10.1016/j.spacepol.2022.101516
- NIETZSCHE, F. *O anticristo: maldição ao cristianismo*. Petrópolis, Vozes, 2020.
- OUR WORLD IN DATA. *GDP per capita*. 2023a. Disponível em <<https://ourworldindata.org/grapher/gdp-per-capita-world-bank-constant-usd>>. Acesso em 07/08/2023.
- OUR WORLD IN DATA. *Gini Coefficient World Bank*. 2023b. Disponível em <<https://ourworldindata.org/grapher/economic-inequality-gini-index>>. Acesso em 07/08/2023.
- PIOVEZAN, L.H. *Inteligência induz ateísmo? Crítica ao artigo de Lynn sobre inteligência e religiosidade*. *Revista Relegens Thréskeia*, v.11, n.1, p.160-183, 2022. DOI: 10.5380/rt.v11i1.83309.
- ROTH, F. *Social capital, trust, and economic growth*. In: *Intangible capital and growth. Contributions to Economics*. Springer, Cham, 2022. DOI: 10.1007/978-3-030-86186-5_8
- ROZITCHNER, A e IANANTUONI, X. *Filhos sem deus: ensinando à criança um estilo ateu de viver*. São Paulo, Martins Fontes, 2008.
- SHREVE, B.G. *The US, the USSR, and space exploration, 1957-1963*. *International Journal on World Peace*, v.20, n.2, p.67–83, 2003.

SIEMENS, H. *Travando uma guerra contra a guerra: Nietzsche contra Kant acerca do conflito*. *Kriterion*, n.128, p.419-437, 2013

SMITH, A. *A riqueza das nações: uma investigação sobre a natureza e as causas da riqueza das nações*. São Paulo, Masdras, 2018.

TWARDY, C. *Argument maps improve critical thinking*. *Teaching Philosophy*, Charlottesville, v.27, n.2, p.95–116, 2014.

VAN GELDER, T. *Argument mapping with reason!able*. *The American philosophical association newsletter on philosophy and computers*, v.2, n.1, p.85-90, 2002.

WALTON, D. *Applying argumentation schemes*. In: ID. *Methods of Argumentation*. Cambridge: Cambridge University Press, p.93–121, 2013